

A FERRAMENTA QUE FAZ OS CONTOS (RESENHA)

Maria Teresa B. C. S. G. Dos Santos
Universidade de Évora, Portugal

Resenha de Carvão, Sónia (2013). *A ferramenta que faz os contos*. Óbidos: Várzea da Rainha Impressores, 91 pp. [ISBN: 978.989.691.204.8]

Apesar de lançado no final de 2013, só agora se teve conhecimento do livro *A ferramenta que faz os contos*, publicado no regime de auto-edição, o que restringe e retarda a distribuição livreira. Mas num universo editorial com poucos livros da área de Filosofia para Crianças, o lançamento de mais um merecia acolhimento atempado.

Depois dos livros de Dina Mendonça, de Alice Santos e do trio açoreano (Gabriela Castro, Berta Miúdo e Magda Carvalho), surgem os contos de Sónia Carvão, o que pode servir de indicador para estimar o interesse pelo exercício filosófico com crianças, em Portugal. Da autora sabe-se, por uma discreta e quase imperceptível Nota na folha de rosto inusitadamente colocada no verso da falsa folha de rosto, que tem formação de base em Filosofia, certificações em Filosofia para Crianças e em Filosofia da Educação, obtidas na Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa. Dado que na folha de dedicatória se referem as Crianças do Colégio do Pirlampo, em Cascais, deduz-se uma ligação lectiva com essa instituição. Mas como o autor não deve subsumir a obra, basta identificar a sua filiação especulativa ou traços do seu percurso intelectual para compreender o contexto justificador da escrita. Ora o mínimo revelado basta para apresentação, pelo menos assim o entendeu a autora. De salientar que se confirma a tendência portuguesa de serem pessoas com formação em Filosofia e especialização em Filosofia para Crianças as que se aventuram na publicação de textos desta última área.

Antes de se passar à apreciação geral da obra, deixa-se a informação encontrada na Nota acima referida: "Alguns contos já foram lidos nas suas aulas de Filosofia para Crianças, outros poderão vir a ser lidos ou não". Importava saber quais

a ferramenta que faz os contos (resenha)

os lidos e a razão da escolha de uns e da exclusão de outros, para se delimitar adequadamente o campo da apreciação. A Nota força a corrigir o que se afirmara no início da resenha, quando se integrou o livro na área de Filosofia para Crianças. É preferível dizer que se trata de um livro de contos, dos quais uns foram aplicados pela autora como recurso textual em sessões de Filosofia para Crianças. Mas um livro sem prefácio, como este, deixa aberta à especulação a intenção de quem o elabora, mesmo quando parece óbvio o seu carácter pedagógico. Fica por explicar a ordenação dos contos, a escolha das temáticas e a sua articulação sequencial, a pertinência em aludir a um filósofo num conto, a mais-valia pedagógica em incluir personagens humanas e não-humanas, a razão para configurar situações de proximidade ao real e situações improváveis de perspectiva antropocentrada, como a conversa entre animais e humanos e o diálogo entre animais. Uma particularidade do livro é ostentar na capa o título em português e a sua correlativa tradução. O mesmo se passa no interior: a cada conto escrito em língua portuguesa segue-se a sua versão inglesa. Sem dúvida que a decisão bilingue aumenta o possível universo dos leitores e a sua sensibilização para as questões abordadas.

São sete os contos coligidos: «A ferramenta» [pp. 5-10]; «O bom e o belo» [pp.17-23]; «O que é um jogo?» [pp.31-38]; «Diálogo entre dois esquilos» [pp.47-52]; «O mundo e o amor» [pp.57-64]; «O Sonho» [pp.73-77]; «Não sei, tu sabes» [pp.85-87]. Na incerteza de quais os textos destinados por Sónia Carvão a sessões de Filosofia para Crianças, opta-se por uma apreciação geral, feita na perspectiva de quem analisa o livro quanto à sua potencialidade no exercício da leitura interpelativa praticada no tempo, quer dizer, atenta às preocupações da nossa época e dilatadora do horizonte racional. Neste sentido, apenas se atenderá a um tópico: as temáticas seleccionadas. Evita-se propositadamente entrar em observações de minudência, como, por exemplo, a presença de afirmações generalistas ("As crianças de famílias camponesas iam para o campo lavrar a terra com os bois", p.8), de expressões forçadas para ajustar à situação ficcionada ("... um esquilo pica a minhoca ...", p.31), de contradição entre a atribuição do pensamento aos humanos pelo esquilo Saviá quando é ele que aparece no conto a pensar critica e organizadamente ("... o humano é que pensa; ... eu não!",



p.48) ou de algum artificialismo dialógico devido às marcas discursivas da pessoa adulta que escreve as histórias.

O conjunto temático inicia, por via de narrativas breves e avulsas, as crianças na interrogação e compreensão de questões da tradição filosófica ou emergentes na actualidade. O conto, enquanto narrativa de encadeamento linear simples e com poucas personagens, concentra vivências que dão fácil passagem à reflexão filosófica, sem os obstáculos da aridez terminológica ou da complexidade hermenêutica. Talvez tenham sido estas as razões – brevidade, concentração e fluidez narrativa – que levaram a autora a preferir o conto à novela, género literário recorrente em Matthew Lipman, pioneiro em Filosofia para Crianças. Quem também recorre ao conto é Thomas Wartenberg, professor de filosofia em Mount Holyoke College (USA), e que os apresenta anexados a um plano de trabalho a que estão associadas categorias ou tópicos específicos de exploração e a que se acrescenta um quadro de questões distribuídas por três níveis sucessivos de aprofundamento. Tudo isso falta em *A ferramenta que faz os contos*, no final de cada conto. Mas o que importa é sublinhar a relação entre Filosofia e Literatura, ou seja, deixar em evidência que a experiência fictícia que é a literatura sustenta o exercício filosófico, mesmo, como neste caso, se trate de uma abordagem inicial destinada a crianças. A autora investe em questões sobre a natureza da linguagem, enraizada no augustinismo e em Wittgenstein – «A ferramenta» –, sobre o uso dos platónicos arquétipos do bom, do belo, alma e sobre a preservação da natureza – «O bom e o belo» –, sobre a estrutura lúdica e agónica do jogo – «O que é um jogo?» –, sobre a complexa tensão relacional entre seres humanos e não-humanos – «Diálogo entre dois esquilos» –, sobre o valor da Natureza – «O mundo e o amor» –, sobre a valorização da capacidade imaginativa – «O Sonho» –, e sobre a fundamentação do saber – «Não sei, tu sabes».

Em quatro dos contos – «A ferramenta», «O bom e o belo», «O Sonho», «Não sei, tu sabes» – as personagens são crianças e adultos ou só crianças que tomam diferentes posições argumentativas até à condução resolutiva do assunto por uma só personagem que a clarifica e dá a compreender ou até uma visão inteligível. É o caso

do primeiro conto - «A ferramenta» -, embora nunca tenha sido enunciada pelo João a razão comparativa em causa: as letras estão para os livros da estante como as ferramentas (diversas) estão para a caixa de ferramentas. Por isso parece precipitada a entrada e saída do João em cena (carpintaria do pai), que começa por anunciar algo que acaba por não demonstrar com coerência. Cria uma expectativa defraudada: "Para veres e para te dizer a razão que me trouxe aqui" (p.5), diz João ao pai. A questão da linguagem, que continua no segundo conto «O bom e o belo», introduz expressões problematizantes, como aprender "de forma correcta" (p.18), ou conceitos de interesse epistemológico, como "convicções" (p.18). Ao mesmo tempo que se focaliza a questão da linguagem começa a transferência para a questão da ética ecológica, daí que se nos afigure coerente a sucessão do conto «O mundo e o amor», onde a defesa da Natureza ganha amplitude. Aquele conto também se articularia bem com «O Sonho», onde as expressões "despertar para a realidade" (p.76) e "olho da imaginação" (p.76), preenchem segmentos do círculo epistemológico, para além das personagens serem humanas tal como as anteriores. Admitimos que a autora pretendesse, ao ordenar em terceiro lugar o conto «O jogo», demorar um pouco mais em território epistemológico para insistir nos conceitos "ilusão" (32) e "analogia" (32), ou em expressões do tipo "resolver o problema" (p.34), "imagens mentais" (34) e reconhecimento do erro (34). Em relação ao conto «Não sei, tu sabes» com que fecha o livro, também se coloca em causa o seu posicionamento: trata-se de um trocadilho que poderia servir de encerramento lúdico a um grupo de contos de cruzamento entre questões de linguagem e questões epistemológicas.

Nos três restantes contos - «O que é um jogo?», «Diálogo entre dois esquilos», «O mundo e o amor» - as personagens são animais que, pela comunicação entre si e pelos valores que orientam as suas acções, estão humanizados. Um deles resvala para o registo da fábula. Aliás, vislumbram-se bem quer conclusões de carácter moral, quer intencionalidade instrutiva. Leia-se a frase final de «O mundo e o amor»: "A partir daí foram [andorinhas, morcegos, família nativa e tribo] criando laços de amizade sempre pelo amor à Natureza e ao mundo que os rodeia" (p.64). Entre este conto e «Diálogo entre dois esquilos» há em comum a ideia de protecção dos



humanos pelos animais, ideia que, pela ironia da situação, causa estilisticamente um forte contraste com a desprotecção que afecta os animais por desconsideração dos humanos em relação a eles. Ambos põem em questão a relação dissimétrica entre espécies.

No conjunto, os contos da autoria de Sónia Carvão abrem uma passagem que interliga o abstrato e o concreto, convocam assuntos que espelham alguma da complexa tensão da racionalidade em face do mundo e questionam vectores éticos da interrelação das espécies, colocando algumas situações de fronteira como a comunicação e o cuidado para com os diferentes. Quanto à sua aplicabilidade em sessões de Filosofia para Crianças, o livro merece ser lido e explorado como instrumento de apresentação de questões que, sob forma e linguagem acessíveis, são transversais no tempo e são urgentes no nosso tempo.